**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE FILOSOFIA**

EMANOELLY CRISTINI PELOSO DE LIMA

**SUICÍDIO:
EM UMA PERSPECTIVA MODERNA DE THOMAS MACHO**

**CHAPECÓ
2024**

EMANOELLY CRISTINI PELOSO DE LIMA

SUICÍDIO:

EM UMA PERSPECTIVA MODERNA DE THOMAS MACHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Odair Nietzel

CHAPECÓ

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lima, Emanoelly Cristini Peloso de
Suicídio: Em uma perspectiva moderna de thomas macho
/ Emanoelly Cristini Peloso de Lima. -- 2024.
48 f.

Orientador: Doutor Odair Nietzel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó,SC, 2024.

1. suicídio; filosofia; modernidade; escolar.. I.
Nietzel, Odair, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

EMANOELLY CRISTINI PELOSO DE LIMA

SUICÍDIO:

EM UMA PERSPECTIVA MODERNA DE THOMAS MACHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Odair Nietzel – UFFS
Orientador

Prof. Dr. Arturo Fatturi – UFFS
Avaliador

Prof. Dr. Aline Fernandes dos Santos – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus entes queridos, que sempre me incentivaram a estudar e a principalmente, não desistir dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por terem me dado esta vida, da qual faço tanto gosto de viver. Em seguida aos meus professores, que me guiaram até este momento presente. E depois a todas as pessoas que de alguma forma me apoiaram e me motivaram a chegar até aqui.

A Lagarta e Alice olharam-se uma para a outra por algum tempo em silêncio: por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca, e dirigiu-se à menina com a voz lânguida, sonolenta.

“Quem é você?”, perguntou a Lagarta.

Não era uma maneira encorajadora de começar uma conversa. Alice retrucou, bastante timidamente: “Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento – pelo menos eu sei quem eu era quando levantei esta manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então. (Carroll, 2002, p. 41).

RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar, de maneira geral, o suicídio dentro do campo da educação, principalmente quando falamos de crianças e adolescentes, que em muitas ocasiões são negligenciados pelos professores, pais e familiares. Não se buscará uma crítica e sim um entendimento sobre o tema. Precisamos analisar alguns pontos de vista de pesquisadores que redigiram suas pesquisas em detalhes, com números sobre a mortalidade de jovens. Portanto, em um primeiro momento a abordagem será voltada à educação, e em como os professores estão sendo preparados para lidar com essas situações no ambiente escolar. Em um segundo momento, a busca será por outra perspectiva, analisando a parte filosófica e a parte literária da atitude de tirar a própria vida. Entender a funcionalidade da vida ou que talvez a vida não tenha uma funcionalidade pré definida é um dos fatores que faz o ser humano entender a relação de si mesmo com a vida na qual está inserido, e quando essa conscientização não acontece, por muitas vezes, acaba-se perdendo o sentido para viver. Quando as pessoas se encontram em idade avançada há também uma preocupação em não ser mais auto suficiente, tornando-se obsoleto à vida, e é nesse momento que muitos idosos começam a perder o gosto de estarem vivos, e acabam, assim como os jovens, perdendo-se em meio uma sociedade na qual não se pode descansar, uma sociedade exausta, cheia de transtornos mentais como a depressão, ansiedade, melancolia, comodidade, excesso de positividade ou de negatividade, cobrança excessiva ou a falta dela, e muitas outras aqui não abordadas. Tudo deve ter um equilíbrio, extremos nunca são bons, sejam eles positivos ou negativos, e é neste ponto que este trabalho se encaixa, entendendo que tirar a vida é uma questão de livre-arbítrio, mas também tentar entender o que faz um ser humano perder a vontade de viver. Esta pesquisa qualitativa consiste em entender os pontos de vista de alguns pesquisadores e principalmente do professor Thomas Macho, que será o principal norteador deste trabalho. Por fim, o resultado será uma pesquisa clara e objetiva, que contribuirá para a compreensão do suicídio de forma acessível, destacando a importância do papel da escola na abordagem de temas sensíveis e delicados como este.

Palavras-chave: suicídio; filosofia; modernidade; escola.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro de notícias.....	11
------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CVV	Centro de Valorização da Vida
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
OMS	Organização mundial da Saúde
CFM	Conselho Federal de Medicina
SciELO	Scientific Electronic Library Online
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
OCDE	Organização do Desenvolvimento Econômico
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O ESTADO DA QUESTÃO.....	20
3	O QUE THOMAS MACHO TEM A DIZER SOBRE O SUICÍDIO.....	30
3.1	A MINHA VIDA, É MESMO MINHA?.....	30
3.2	PATOLOGIZAÇÃO DO SUICÍDIO.....	33
3.3	JUVENTUDE E SUICÍDIO.....	35
3.4	SUICÍDIO POR REPETIÇÃO OU INFLUÊNCIA.....	37
3.5	MODERNIDADE E SUICÍDIO.....	40
3.6	LIBERDADE.....	41
3.7	MACHO E A EDUCAÇÃO NO ÂMBITO DO SUICÍDIO.....	43
4	CONCLUSÃO.....	45
5	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Ocupar-se com o tema do suicídio numa perspectiva filosófica não é uma escolha fácil. Foram muitos percalços: desenhar o tema, definir um campo, encontrar um norteador, enfim, chegar em um ponto que conscientize e toque às pessoas. O suicídio não deve ser tratado com superficialidade, principalmente quando falamos de suicídio de pessoas fragilizadas emocionalmente, em todas as idades.

Estes casos ficam evidentes quando se faz uma breve busca na internet: procurando casos/relatos de jovens que se suicidaram, foram encontrados diversas notícias e reportagens que sinalizam para urgência desta discussão e reflexão sobre o tema.

Tabela 1 – Quadro de notícias

Título	Fonte
Adolescente encontrada sem vida em escola esta semana reacende o alerta para a saúde mental dos jovens	https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2022/06/adolescente-encontrada-sem-vida-em-escola-esta-semana-reacende-o-alerta-para-saude-mental-dos-jovens.html
Pediatras recomendam que adolescentes acima de 12 anos passem por avaliações para rastrear risco de suicídio	https://revistacrescer.globo.com/Saude/noticia/2022/06/pediatras-recomendam-que-adolescentes-acima-de-12-anos-passem-por-avaliacoes-para-rastrear-risco-de-suicidio.html
Levantamento indica alta no número de suicídios entre jovens no Brasil	https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/10/levantamento-indica-alta-no-numero-de-suicidios-entre-jovens-no-brasil.htm
A preocupante alta de suicídios entre jovens brasileiros	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/10/01/a-preocupante-alta-de-suicidios-entre-jovens-brasileiros.htm
Suicídio é segunda causa de mortes entre adolescentes	https://emails.estadao.com.br/blogs/kids/suicidio-e-segunda-causa-de-morte-entre-adolescentes/

Fonte: Autor (2024)

O suicídio é um tema delicado e complexo, marcado por muitos desafios, incluindo a forma como é abordado e divulgado à sociedade. A percepção de que esses casos não recebem a devida atenção reflete tanto a dificuldade em tratar o assunto publicamente quanto a necessidade de respeitar a privacidade das famílias envolvidas, que muitas vezes optam por não exporem os casos. O tema é

amplamente debatido em diversas áreas de pesquisa, com esforços voltados para identificar os fatores e acontecimentos que podem levar um indivíduo a tirar a própria vida.

Campanhas como o Setembro Amarelo trazem à tona dados relevantes sobre o suicídio e indicam caminhos para pedir ajuda, reforçando iniciativas como as do CVV (Centro de Valorização da Vida). No entanto, o impacto dessas ações ainda pode ser considerado superficial, pois muitas pessoas que precisam de apoio não conseguem reconhecer que estão em sofrimento. Essa dificuldade de identificação ocorre porque os sintomas de transtornos psicológicos se manifestam de maneiras diversas em cada indivíduo, dificultando tanto o autodiagnóstico quanto a intervenção precoce. Assim como acontece com o vício, é essencial que o próprio paciente compreenda os sinais do seu estado emocional para buscar tratamento adequado.

Sem uma conscientização ampla e efetiva sobre os sintomas do sofrimento psíquico – tanto no ambiente escolar quanto na sociedade em geral – as campanhas podem não alcançar plenamente seu objetivo. É crucial que se aborde, por exemplo, como identificar uma pessoa com ideação suicida. Sinais de alerta incluem isolamento social, mudanças bruscas de comportamento, perda de interesse por atividades antes apreciadas, expressões verbais de desamparo ou desesperança, alterações no apetite e no sono, queda no desempenho escolar ou profissional, e até mesmos comentários diretos ou indiretos sobre a vontade de morrer.

Para que as campanhas como o Setembro Amarelo sejam mais eficazes, é fundamental que essas informações cheguem tanto aos indivíduos quanto aos círculos sociais em que estão inseridos, como escolas, famílias e locais de trabalho. Assim, a sociedade pode atuar não apenas como espectadora, mas como uma rede ativa de suporte, ajudando a reconhecer e acolher aqueles que enfrentam o peso do sofrimento psicológico.

O estopim que trouxe esse tema a ser discutido neste trabalho foi um suicídio em uma escola, na qual um adolescente de 16 anos prestes a se formar no ensino médio tirou a própria vida, dentro do ambiente escolar. Não o conhecemos, e muito menos sabemos seu nome ou sua aparência, mas a pergunta que fica em aberto é quais são as razões que teria este jovem para cometer o suicídio? Este caso causou dor e sofrimento, que trouxeram alguns outros fatores pessoais a tona, que fizeram com que esse tema se tornasse muito relevante e de alta complexidade.

O fato é que este assunto sempre é atual. Não está só na história, mas também em nosso meio. É debatido por pessoas que conhecem alguém com transtornos mentais ou alguém que tentou encerrar sua própria vida. É debatido por especialistas da psicologia, da medicina, ou da área da saúde, e principalmente por famílias que perderam um ente querido.

Em média 800.000 (oitocentas mil) pessoas se suicidam por ano no mundo, o que contabiliza “um suicídio a cada 40 segundos” (Bessa, 2021, p.24). No Brasil de 2011 a 2017 registrou-se 80.352 (oitenta mil trezentos e cinquenta e duas) mortes por suicídio na população “a partir de 10 anos”. Das quais “27,30% ocorreram na faixa de 15 a 29 anos” (Bessa, 2021, p.30).

Mesmo assim, percebe-se que na área da educação não se fala muito sobre o tema, e conseqüentemente, sobre a morte; não estamos nos referindo a tratar da morte causada por meios externos, ou da morte causada por vírus, amplamente tratada, mas a morte por suicídio ou por iniciativa da própria pessoa.

O tema é amplo, se desdobra nas mais diversas ramificações temáticas. É o caso da eutanásia, que ocupa um espaço significativo da cinematografia, mesmo que de forma muito sutil e leve. Como no livro *Como eu era antes de você*, da escritora Jojo Moyes (2013), que conta a triste história de Will, que após sofrer um triste acidente, fica tetraplégico e opta pela eutanásia como um meio de finalizar seu sofrimento; *Você não conhece Jack* do diretor Barry Levinson, lançado em formato de documentário no ano de 2010, relata a história de um médico que defende o direito do ser humano a uma morte digna, e dessa maneira ajuda diversas pessoas a encerrarem seu sofrimento através da eutanásia; *Mar adentro* do diretor Alejandro Amenábar (2005) relata a história de Ramón, que após anos sem seus movimentos luta na justiça pelo direito de encerrar sua própria vida.

Na educação dificilmente vemos o tema ser tratado diretamente. Mas aparece encoberto por outros temas, como o *bullying*, o preconceito em geral, transtornos alimentares e principalmente transtornos mentais. Entretanto, não se fala diretamente das conseqüências que esses assuntos têm na *psykhé* de quem passa ou está passando por situações de vulnerabilidade emocional.

A discussão sobre o suicídio vem ganhando forças, mas poucas destas nos campos educacionais. Séries de *streamings*, alguns livros *best-sellers*, filmes, músicas e redes sociais ainda são os maiores divulgadores e conscientizadores sobre o assunto. Mas também são meios que, se usados de forma incorreta, podem

provocar situações que fogem de suas boas intenções e, inclusive, estimular sentimentos de desilusão, fracasso, insatisfação, infelicidade, tristeza, impotência, entre outros.

Diante de todos esses fatos chegamos ao problema de nossa discussão: é preciso falar abertamente sobre o suicídio, e quebrar o tabu que cerca o tema. Devemos nos atentar que hoje é possível reduzir mortes causadas por muitas doenças, mas é difícil dizer em que medida evitamos suicídios. Não há nas escolas estruturas suficientes que possam oferecer um apoio psicológico adequado aos estudantes. Talvez seja necessário mais que um apoio psicológico, as pessoas precisam se sentir acolhidas. Afinal, quem pode contribuir para que esse tema venha à tona e possa ser discutido? Como podemos auxiliar para evitar mais casos? É tão somente um problema de saúde psicológica? É um problema social? É econômico? Seria um problema antropológico e possui questões específicas que acometem certas fases da vida?

Foram analisados brevemente alguns livros didáticos usados pelos professores do ensino médio, e nota-se que poucos tratam abertamente questões sobre o sofrimento psíquico ou ligadas ao suicídio. Exceções são livros como o *Filosofando: introdução à Filosofia*, das autoras, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2009). Este livro traz consigo alguns debates sobre a morte, sofrimento, vida, felicidade, negação, entre outros temas de muita relevância. Em todo caso, olhando para os livros didáticos, temos mais um problema: se nem todos os livros didáticos falam sobre esses temas, como chegaremos a essas discussões em sala de aula?

Voltando-nos para a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), especificamente para as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ela propõe discussões sobre respeito, etnia, economia e tantos outros assuntos, mas em nenhum destes campos encontramos abordagens de temas como do sofrimento emocional ou mental. Desse modo, problematizamos o lugar do suicídio entre jovens na formação dos currículos escolares, questionamos: o que a filosofia tem a dizer sobre o tema?

Apesar do alto índice de suicídio no Brasil entre crianças e adolescentes, a educação básica brasileira não trata essas questões, deixando passar despercebidos casos graves de depressão e demais manifestações de sofrimento psíquico que acometem nosso público juvenil.

No desenvolver deste trabalho, o objetivo é demonstrar a importância das escolas na saúde mental dos estudantes. Conforme supracitado, muitos jovens e adolescentes não recebem da escola o apoio necessário para desenvolverem uma saúde mental de qualidade. Observa-se que nos livros didáticos utilizados na rede básica de ensino, do estado de Santa Catarina, em nenhum momento há abordagens sobre dor, sofrimento, morte, luto, melancolia e demais sentimentos que remetem a tristeza ou depressão. No decorrer da história da filosofia na educação brasileira, entre idas e vindas, foram, em alguns momentos, utilizados livros de alta qualidade, que faziam abordagens relevantes no campo emocional, e eram abordados nas aulas de filosofia e áreas afins das ciências humanas.

As discussões abertas nas literaturas serão devidamente trabalhadas no decorrer do desenvolvimento do trabalho. A abordagem educacional não será única a ser tratada, mas outros pontos relevantes para o desenvolver do suicídio na filosofia, norteados principalmente pelo trabalho do professor Thomas Macho em seu livro *Tirar a vida: suicídio na modernidade* (2021).

De modo mais específico, objetivamos revisitar algumas pesquisas que ajudarão o desenvolvimento do trabalho em um primeiro momento, com dados relevantes sobre fenômeno juvenil do suicídio. E em um segundo momento, trataremos discussões abordadas por Macho em sua obra *Tirar a vida: suicídio na modernidade* (2021). Infelizmente essas discussões estão sendo adiadas durante anos, o que, conseqüentemente, cria um tabu entorno do assunto. Não queremos levantar mais questões sobre o suicídio, apenas nos atentaremos aos dados que são fornecidos pelo próprio governo sobre os índices de suicídio juvenil, e os materiais utilizados hoje em dia no ensino da filosofia. A grande questão que envolve todo este desenvolvimento é: se os dados sobre o suicídio juvenil vem aumentando, porque nos espaços educacionais tem se ignorado o problema e não se tem adotado abordagens que envolvam prevenção contra o suicídio destes adolescentes?

O suicídio foi durante muito tempo um tabu para todas as sociedades, hoje existem muitos debates em diversos meios de comunicação. Divulgação de casos e campanhas de prevenção ao suicídio. Acreditava-se que falar sobre suicídio incentivaria as pessoas a cometê-lo, com o tempo a mídia aprendeu e desenvolveu meios para se falar sobre o assunto sem gerar efeitos colaterais danosos à saúde psicológica.

A autodestruição é tratada primordialmente pela psiquiatria e a psicologia, mas isso não significa que estas sejam as únicas áreas a trabalhar o tema. A filosofia, a literatura, as artes, todas tem alguma relação com o suicídio no decorrer do tempo. Aqui falaremos do assunto com uma visão filosófica, partindo de questionamentos sobre a vida e a morte, lições que foram aprendidas e lições que ainda estamos aprendendo.

Segundo o professor José Manoel Bertolote (2013) em entrevista ao canal TV UNESP no YouTube, o ato suicida se tornou um tabu principalmente pelas religiões, a atitude de tirar a própria vida era considerado impuro, e faria com que o indivíduo gerasse uma dívida eterna com os seres supremos.

A igreja por muito tempo, mascarava esses acontecimentos, fazendo-os cair em esquecimento, falar sobre o assunto era tão ruim quanto cometê-lo. A religião condenava, e ainda condena o suicida ao inferno.

A filosofia levanta muitos caminhos para o suicídio, como a falta de sentido na vida, doenças psicológicas, questões de saúde pública e situações de vulnerabilidade social, mas principalmente a liberdade de escolha. Há muita discussão sobre a quem pertence a nossa vida, e é nesse ponto que nossa reflexão se aprofunda. A morte é um dos únicos momentos que de fato nos pertencemos, pois ao nascer e viver nossa vida é diretamente objeto de uma sociedade viciada em manter seus indivíduos vivos, sejam ameaçados pela dívida com Deus ou pelo fato de estarem cometendo um crime. Cometer suicídio pode muitas vezes ser um ato de demonstração de liberdade, mas pode também ser uma doença, é por esse motivo que devemos ter todo um cuidado ao falarmos do tema, principalmente quando nos direcionamos a adolescentes. Jamais um tema como este deve ser trabalhado sem apoio da direção, dos pais e principalmente dos alunos em questão, pois pode-se abrir portas para gatilhos que prejudicariam o desenvolver de alguns jovens.

Na educação o tema não é abordado diretamente, ele fica mascarado atrás de assuntos como *bullying*, transtornos alimentares e psicológicos, xenofobia, violência, racismo e LGBTfobia. Esses temas não levaram ao suicídio obrigatoriamente, mas podem desencadear outros transtornos que podem resultar no suicídio. Percebeu-se uma falta de diálogos nas escolas sobre temas como o luto, a morte, a perda, melancolia e a depressão. São assuntos densos e de difícil abordagem, mas de extrema importância na vida dos jovens. Essa falta de conversa acaba sendo culpabilizada pela incapacitação dos profissionais da área da

educação, segundo Silva (2020) nem mesmo os professores se sentem adequadamente capacitados a instruírem ou a ajudarem seus alunos que se encontram nessas situações de risco a vida.

A busca, na sociedade atual, pelo sucesso, por metas e objetivos se tornaram o maior meio causador da ansiedade e depressão. O escritor Byung-Chul Han descreve a sociedade do século XXI como a *Sociedade do cansaço* (2017), uma sociedade capitalista na qual quem não obtém o sucesso é por pura falta de dedicação, fazendo com que as pessoas se tornem obcecadas em sucesso, dinheiro, poder e popularidade, aparentemente o título de pessoa de sucesso passou por muitas transformações no decorrer da modernidade, e hoje vivemos uma das fases mais críticas de uma sociedade contaminada pela digitalização da vida.

As diferenças entre as classes sociais vem se tornando cada dia maior, e isso é observado por qualquer um que caminhe pela rua prestando um pouco de atenção às pessoas que cruzam seu caminho. O cansaço, a positividade excessiva, o encaminhamento do ser para o sucesso obrigatório, tudo isso gera a ansiedade e como consequência a depressão. As políticas de prevenção ao suicídio não vão tão longe, podem ajudar no entendimento de quem eu sou para o ambiente ao qual pertenço, mas não evitam o desenvolver do capitalismo, nem o crescimento das metas, muito mesmo o anseio pela morte. Portanto, percebemos que os problemas envoltos no suicídio são complexos, longos, sociais, educacionais e psicológicos, e estão enraizados na sociedade.

Diante da falta de diálogos nas escolas sobre o suicídio, surgiu a indagação de que a escola tem muito poder na vida de uma pessoa, pois é dentro dela que passamos boa parte da nossa infância e adolescência. E segundo o ministério da saúde (2022), uma das maiores taxas de mortes entre jovens de 15 a 29 anos é o suicídio, ficando em quarto lugar, perdendo apenas para acidentes de trânsito, tuberculose e violência interpessoal.

Portanto, a escola pode ajudar a evitar muitas mortes, direcionando os jovens ao entendimento do que é a morte, o que é a vida, e demonstrando sua importância no mundo em que está inserido e principalmente abrindo espaço para discussões sobre o tema devem ser abordadas em sala de aula (como o devido respaldo da BNCC).

Integrar a saúde mental ao currículo escolar é um dos caminhos mais adequados, pois permite que temas como ansiedade, depressão e suicídio sejam

abordados de forma educativa e desmistificada. Por meio de palestras, debates e oficinas, os alunos podem aprender a identificar sinais de sofrimento, tanto em si mesmos quanto nos colegas, fomentando a conscientização e a empatia.

Os educadores e funcionários da escola também desempenham um papel essencial nesse processo. A capacitação desses profissionais é indispensável, pois ajuda a reconhecer mudanças de comportamento, isolamento social e queda no desempenho acadêmico, que podem ser indícios de sofrimento psicológico. Além disso, a escola pode oferecer serviços de apoio psicológico, como a presença de psicólogos e assistentes sociais, que estão devidamente equipados para atender os alunos de forma individual ou em grupos, oferecendo acolhimento em momentos de necessidade.

Um ambiente escolar acolhedor é outro fator determinante na prevenção do suicídio. Combater o bullying, promover a inclusão e incentivar o diálogo aberto são ações que ajudam os alunos a se sentirem seguros e respeitados. A parceria entre escola e família também é fundamental; oferecer orientações aos pais e incentivá-los a manter uma comunicação aberta com os filhos pode criar uma rede de apoio eficaz.

Além disso, a escola pode implementar programas de prevenção ao suicídio, como campanhas de valorização da vida, que sensibilizem a comunidade escolar para a importância do tema. Esses programas podem destacar o valor do autocuidado e da empatia, promovendo uma cultura de cuidado. Falar sobre o suicídio de maneira aberta, mas responsável, é essencial para quebrar os tabus que cercam o tema, garantindo que os alunos não se sintam julgados ao buscar ajuda.

Por fim, é fundamental que a escola realize um acompanhamento contínuo dos alunos que apresentem sinais de vulnerabilidade, envolvendo tanto a equipe escolar quanto os familiares e profissionais de saúde mental. Assim, a escola se torna mais do que um espaço de ensino; ela se transforma em um ambiente de suporte e acolhimento, onde os jovens encontram forças para enfrentar desafios emocionais e valorizam a própria vida.

Não queremos designar mais uma obrigação para o ambiente escolar, e nem queremos destituir o trabalho feito pelo SUS (Sistema Único de Saúde), que inclusive faz um trabalho bom e que promove a importância da saúde mental. Apenas desejamos demonstrar a relevância da escola quanto a qualidade de vida e quanto a identificação de transtornos psicológicos em crianças e adolescentes e que

em união com o SUS, pode-se fazer uma aliança que pode fortalecer os dois lados, a escola com o cuidado com seus indivíduos e o SUS no salvamento de vidas.

2 O ESTADO DA QUESTÃO

Procurou-se como referências bibliográficas filósofos que abordassem de forma clara a morte, a melancolia, a depressão, a vida, a sociedade e a educação, para assim entender minimamente um ponto de partida pra cada assunto abordado, e procurou-se demonstrar como é importante saber reconhecer cada sinal apresentado pelas pessoas ao nosso redor.

Diante de casos de suicídio entre jovens que se encontram em idade escolar, perguntou-se quais as razões que os levam a cometer esse ato, quais as razões que fazem um indivíduo entender que sua existência não tem sentido, e que sua vida não tem mais significado. Juntamente, levantou-se a hipótese de que a escola tem um grande poder de influência sobre estes adolescentes, já que os estudantes passam boa parte do seu dia dentro delas. O ambiente escolar, deveria ser um espaço que inspira segurança, acolhimento, respeito e liberdade. É o local onde o estudante pode se desprender de suas angústias. Anteriormente, entendia-se que a família era responsável pela educação, e a escola tinha um simples papel de instruir o indivíduo. Com o passar do tempo, notou-se que a escola além de instruir, na maioria das vezes, também educava para a vida.

Não podemos desconsiderar a importância, o poder e a responsabilidade do SUS (Sistema Único de Saúde), em seu atendimento e cuidado com pessoas que possuem transtornos mentais, e nem da família, pelo contrário, buscamos contribuir para que essa rede continue se fortalecendo e se desenvolvendo cada dia mais. Por estas razões, essa pesquisa buscou artigos, teses, dissertações e filósofos, em bases de dados públicas, como a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), SciELO (Scientific Electronic Library Online), que tratassem do tema suicídio e da importância das escolas em sua prevenção, e encontrou-se, surpreendentemente, muitos locais de fala.

No artigo *Suicídio e a filosofia: A questão da morte de si* de Oswaldo Giacoia Junior (2019), o autor tem o objetivo principal de demonstrar a morte livre nas obras de Nietzsche, principalmente em *Assim Falou Zaratustra*. Entende-se que o suicídio é um dos grandes problemas filosóficos. Ele inicia seu texto com um pequeno trecho de Camus, onde diz: “Julgar que a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia” (Junior, 2019, p. 02).

Para o autor o sentido de morte livre é o mesmo que morte voluntária, e Nietzsche ao usar este termo, que se aproxima dos filósofos estoicos, ao se referirem a morte de si, utilizavam o termo morte livre. A única certeza da vida, é a morte. Oswaldo entende à morte como uma “potência inumana, intrusa e hostil [...] ela é o além das possibilidades humanas” (Junior, 2019, p. 04).

Todavia, entende-se que a vida não deve ser vivida em função da morte. Zaratustra nada mais é que a persona de Nietzsche, e quando Zaratustra afirma sua permanência na vida, não significa que ele recusa a morte livre, apenas faz uma escolha sensata. Escolha de acompanhar seus discípulos em suas realizações e em seus feitos gloriosos (permanece na vida, não por desejo próprio, mas por afeição com as pessoas ao seu redor).

Já o artigo *Suicídio: território do livre-arbítrio ou da doença mental?* Escrito por José Manoel Bertolote (2013), inicia referindo-se a grandes livros religiosos que falaram da morte em alguma instância, mas seu posicionamento é guiado pelo escritor Albert Camus e pela filosofia. Para Bertolote, quem melhor assinalou a morte dentro dos estudos filosóficos foi Camus. Assim como Oswaldo Giacoia Junior, Bertolote se refere a questão do julgamento do sentido da vida. Camus compara a vida humana com a vida de Sísifo, que busca incessantemente um sentido para sua existência, e nessa busca, o homem se depara com conflitos que nem sempre fazem sentido, como política e religião. Sísifo, figura da mitologia grega, é condenado pelos deuses a empurrar uma rocha montanha acima, e quando está prestes a chegar ao cume, ele volta a cair montanha abaixo por não suportar o peso da rocha, e é assim que Camus vê a vida humana, uma eterna procura pelo topo.

Em seguida Bertolote (2013) trabalha a origem da palavra suicídio, abordada primeiramente pelo médico Thomas Browne, que antes deste, o ato suicida era retratado como o crime de si mesmo. Com isso o autor levanta algumas significações do suicídio nos tempos antigos, levando em consideração que esse ato não era tratado com tanta importância como é hoje. Alguns retratavam o ato como livre-arbítrio (direito), dever ético (obrigação), insanidade (alterações mentais). Bertolote faz uma análise sobre Catão, que após perder a guerra para Júlio César, decide tirar a própria vida. Antes do ato, Catão janta com seu filho e seus amigos, depois se recolhe em seus aposentos para enfim ter uma morte digna e livre, porém seu filho e amigos o impedem de finalizar ato, por entenderem que ele não está em gozo de sua plena capacidade mental.

Bertolote (2013) entende que Catão, assim como Sócrates, não fez uma escolha a partir do livre-arbítrio ao suicidar-se, pois Catão acreditava que seria assassinado por Júlio César, o que era verdade, e a partir de seus princípios decidiu tirar a própria vida, pois seria mais digno se suicidar do que deixar outra pessoa o matar.

Sócrates fora condenado pelo tribunal de Atenas a tomar cicuta, podendo ter fugido, mas que diante de seus princípios de obediência decidiu tomar o veneno, e ter uma morte digna. Ou seja, para estes dois, a morte suicida é muito mais honrosa que a fuga ou se deixar matar por outra pessoa.

Bertolote (2013) cita também Durkheim, ao falar dos suicídios na antiguidade ele os classificou em quatro tipos: altruísta (A), fatalista (B), egoísta (C) e anômico (D). Sendo A: a morte em prol de um bem maior, o indivíduo sacrifica-se acreditando estar fazendo um bem maior para o meio em que está inserido. B: o indivíduo acredita que sua vida já não é mais controlada por si e sim pelos outros, entende-se que se perdeu a liberdade de escolha e não há mais espaços para mudanças. C: alienação entre o indivíduo e sua vida, ele entende que não há mais conexão, sente-se isolado do mundo, não existe mais integração e interação social. D: o indivíduo não sabe lidar com as mudanças em sua vida, por exemplo, a perda de todos os seus bens em um desastre natural ou o enriquecimento repentino, mudanças drásticas que incapacitam a pessoa a se adaptar a nova realidade.

Elza Dutra (2012) afirma em seu artigo *Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade* o quão pouco sabemos sobre os atos suicidas e como o preconceito vindo de valores morais e religiosos atrapalham na investigação de suas verdadeiras causas. Além disso, a autora se baseia em Heidegger para se posicionar sobre o assunto. Dutra (2012) segue apresentando alguns dados sobre o suicídio no mundo. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) o suicídio está entre as dez principais causas de morte no mundo, e esse índice vem crescendo significativamente entre os adolescentes e jovens adultos. Segundo uma pesquisa apresentada pela autora, o Brasil tem uma taxa de suicídio altíssima, em 2007 a taxa foi de 5,8 suicídios para cada 100.000 (cem mil) habitantes, e desses 5,4% tinham uma faixa etária de 20 a 24 anos. Além de algumas cidades terem taxas muito maiores como Porto Alegre e Curitiba, que tinham até a dada pesquisa, as maiores taxas de suicídio. A partir disso, procura-se respostas para algumas indagações. Se a maior taxa de suicídio é entre

adolescentes e jovens adultos, o que os motiva a perderem a fé na vida? Já que é nesse momento que se fazem as grandes escolhas da vida.

O texto faz algumas apresentações dos possíveis motivos que fazem adolescentes e jovens se suicidarem, um dos fatores é algum conflito pessoal dentro da família ou em relacionamentos, a busca por um emprego, a saída da casa dos pais, o ingresso na universidade, fatores que causam estresse, sofrimento ou pressão psicológica. Além do consumo de álcool e drogas, isolamento social na infância, abusos e distúrbios psíquicos. Adentrando no território de Heidegger, Dutra (2012) volta-se para o “ser” ou “ser-nomundo”, e o tédio da vida. Relacionando o tédio com a angústia. No ambiente moderno o que impera é o imediatismo, a pressa, a eficiência e o consumo. A sociedade vive em um relacionamento complicado, e ao mesmo tempo que produz curas para doenças e faz avanços tecnológicos, produz também a depressão, a ansiedade, síndromes e o suicídio.

Por sua vez, o artigo *Literatura e suicídio: alguns operadores de leitura* de Willian André (2018), traz uma visão mais romântica sobre o suicídio, uma visão a partir de uma área que não se pronuncia claramente sobre o tema. Ele apresenta uma constância do assunto em textos literários, desde a antiga Grécia até os romances do século XXI, onde o suicídio se apresenta de forma clara ou subliminarmente entre os mais diversos escritores. Ele cita desde Sófocles à Lispector. André (2018) no decorrer do texto não pretende se aprofundar em cada abordagem, mas apresentar encaminhamentos analíticos sobre o “autoaniquilamento” e seu crescimento na literatura. O primeiro texto abordado é um romance intitulado de *O Bigode* de Emmanuel Carrère, onde o personagem principal após se desprender de seu bigode fica chocado por ninguém, nem mesmo sua esposa, perceber a diferença, e após esse ato ele entra em um conflito existencial, algum tempo depois, o personagem encontra-se em um hotel em Hong Kong, já com a barba crescida, ele resolve novamente se desprender dela, e no ato de se barbear ele inicia uma automutilação em seu rosto até, por fim, cortar seu pescoço, abaixo do queixo, de orelha a orelha, e deixar esvaír-se o restante de vida que lhe resta.

Assim como o tratamento naturalista dado ao romance supracitado, o poema *Ismália* também é tratado com uma certa naturalidade, o poema é descrito como se alguém assistisse o suicídio da personagem:

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,
 Viu outra lua no mar.
 No sonho em que se perdeu,
 Banhou-se toda em luar...
 Queria subir ao céu,
 Queria descer ao mar...
 E, no desvario seu,
 Na torre pôs-se a cantar...
 Estava perto do céu,
 Estava longe do mar...
 E como um anjo pendeu
 As asas para voar...
 Queria a lua do céu,
 Queria a lua do mar...
 As asas que Deus lhe deu
 Ruflaram de par em par...
 Sua alma subiu ao céu,
 Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens (2020)

Willian André (2018) apresenta mais uma obra, porém esta não naturaliza o suicídio como as anteriores, a obra *Homens, santos e desertores* retrata uma casa com dois homens, um mais jovem que busca por um exemplo para seguir, e um mais velho que é identificado como inapto para dar os ensinamentos que o jovem tanto deseja, no final da peça o mais novo se retira da casa e o mais velho coloca uma música alta que abafa o som do tiro.

Em seguida o autor delinea obras e seus escritores, pessoas que escreviam sobre o suicídio e que de fato o cometeram, como a escritora Sylvia Plath, que se suicidou em 1963, no ápice de sua criatividade. André (2018) também relata textos que falam sobre a liberdade individual, de fazer com a sua vida o que bem entender. O autor aborda ainda algo que fica no esquecimento quando se fala de suicídio, os sobreviventes que o suicida deixa para trás, pode ser família, amigo ou cônjuge.

Uma coisa é fato, sempre sobra alguém, e é este alguém que vive a assombração do “autoaniquilamento”.

Na dissertação *O mito de Sísifo: A decisão de viver ou suprimir a vida* Milene Fontes de Menezes Bispo (2013) se deleita nos escritos de Camus, que mesmo vivenciando a barbárie da sociedade e escrevendo sobre a dualidade entre a vida e a morte era sem dúvidas, um apaixonado pela vida. A autora traz à tona principalmente o absurdo descrito por Camus, no início ela o apresenta para o leitor, e o intitula de filósofo, mesmo, o próprio Camus chamando-se de artista.

Camus fala do homem absurdo, ele entende que todos os grandes pensamentos têm início em uma esquina qualquer ou uma porta giratória, e esse é o grande absurdo, e deixaria de ser se assim não fosse. O absurdo surge do conflito humano e do silêncio do mundo sobre isso. Para Bispo (2013) o homem sempre estará rodeado de questionamentos reflexivos sobre a sua existência, por mais que ele anseie pela estabilidade. Ela ainda chama a vivência sem consciência da morte patética, pois a morte é a única certeza da vida, a cada dia que vivemos é um dia a menos que temos para viver. Essa é a noção de morte herdada de Camus, que entende o viver como morrer a cada dia, e mesmo que acredite em um futuro, a vida sempre terminará. Para Camus, a consciência do absurdo não deve limitar a vida; o fato de sabermos que vamos morrer não pode nos impedir de viver plenamente ou nos levar a buscar refúgio na morte.

Luiz Henrique Bochi Silva (2020) na dissertação *A formação de professores para a identificação de fatores de risco associados ao suicídio na adolescência* divide o trabalho em dois momentos: no primeiro ele trata de conceitos sobre a adolescência e sobre o suicídio, e no segundo Silva (2020) se debruça a um estudo realizado com 18 professores de uma escola do interior de São Paulo, sobre conhecimentos relacionados a fatores de risco do suicídio, e quais entendimentos esses professores têm sobre o assunto. Silva (2020) objetiva destacar em seu trabalho, como a escola é importante na intervenção e encaminhamento de alunos que apresentam algum sintoma de transtorno mental ou de humor. Silva (2020) pretende ressaltar que a preparação dos professores para a identificação destes casos é fundamental, e que dessa forma é possível salvar vidas. O autor defende que o professor desempenha um papel crucial na prevenção do suicídio. Para sustentar sua hipótese, ele inicialmente busca compreender o adolescente e o período da adolescência. Em seguida, analisa o nível de conhecimento dos

professores sobre o tema e, por fim, estabelece princípios norteadores para ajudá-los a identificar fatores de risco de suicídio entre os jovens.

No final de sua dissertação, Silva (2020) apresenta sua pesquisa por meio de uma tabela que, em uma interpretação livre, revela que alguns professores, além de evitarem lidar com alunos que manifestam esses comportamentos suicidas, também não demonstram interesse em aprender a enfrentá-los ou a compreender os sentimentos envolvidos. Esse cenário evidencia, em alguns casos, uma postura de frieza e falta de empatia por parte dos docentes.

Tamires Vila Maior (2021) em sua dissertação *Percepções sobre saúde mental, suicídio e o comportamento autolesivo no contexto escolar sob a ótica dos estudos culturais*, parte de sua atuação na rede básica de ensino e diante dos acontecimentos que vivenciou decidiu criar projetos para acolher e conscientizar estes adolescentes, como o “Bate papo favorável”, que ajuda os jovens em situações de vulnerabilidade emocional, que muitas vezes recorriam a ela como ouvinte. Ao entender que a adolescência maximiza sentimentos destrutivos, ela se dispôs a ouvir e ajudar quem a procurasse, de uma forma simples ela se colocou a disposição para salvar vidas.

Esse estudo em especial ressalta alguns pontos relevantes para esta pesquisa, como a importância da escola e do professor na identificação de crianças, jovens e adolescentes que apresentam fatores de risco suicida. A hipótese levantada pela autora é simples, mas muito necessária. Ela acredita que o diálogo seja o melhor caminho a seguir para ajudar esses jovens, que diante de seus problemas particulares e pela falta de comunicação acreditam que a única saída seja a morte ou as drogas. Além de fazer esses levantamentos, Maior (2021) trabalha também com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e institutos que lutam contra as taxas de suicídio. O avanço social tratado em um documento pela OCDE (Organização do Desenvolvimento Econômico) trata da importância de trabalhar com crianças e jovens sobre competências cognitivas e socioemocionais da vida moderna, e ressalta a importância trabalharmos em prol de uma sociedade mais calma e saudável.

Maior (2021) traz a cultura do suicídio à tona, descrevendo que o ato de se matar sempre esteve presente em todas as sociedades e que é um ato tipicamente humano. Cada sociedade tratava o suicídio de uma forma, ou dava a ele algum significado especial ou era tratado como direito de honra. Em um determinado ponto

Maior (2021) nomeia a sociedade atual como a “sociedade do desencantamento” e do vazio. Em sua conclusão, a autora expressa claramente seu posicionamento, é dever da escola abordar temas como o suicídio, e para isso os profissionais da educação devem estar preparados para lidar com as mais diversas situações, devem aprender sobretudo a ouvir e prestar atenção aos detalhes apresentados por estes indivíduos.

Ubiratan Pereira de Oliveira (2022) em sua dissertação *O suicídio na adolescência contemporânea – Um dizer da psicanálise e a ética da escuta*, inicia seu texto apresentando dados mundiais sobre o suicídio e a negligência em notificá-los. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) cerca de 800 mil pessoas cometem suicídio no mundo a cada ano, isso com as subnotificações, acredita-se que este número seja um pouco maior.

O autor começa a falar sobre a obra freudiana e suas contribuições para se entender o suicídio dentro da psicanálise. Diante de muitos casos de suicídio em Viena, iniciou-se múltiplas discussões sobre o tema, e uma delas era como a escola poderia intervir para ajudar os jovens que estavam se suicidando. Oliveira (2022) ainda fala sobre o suicídio do psicanalista Victor Tausk, que iniciou muitos debates sobre o assunto. Naquela época relacionava-se a morte voluntária com traumas de guerra ou da vida, e foi neste momento que se dissipou por toda a Europa discussões relacionadas ao suicídio, buscando entender os motivos que levavam as pessoas a se tirarem a própria vida.

A adolescência é um momento de descobertas, revelações, mudanças, aprendizados e conflitos, e a prática freudiana da psicanálise ajudou e ainda ajuda a salvar muitas vidas. Freud estuda contextos familiares e sociais que influenciam na vivência desses adolescentes, que muitas vezes se sentem sozinhos e desamparados, e que acabam se suicidando. Por este motivo a psicanálise se torna tão relevante na vida humana. Em sua conclusão o autor faz uma crítica a OMS, que mesmo se colocando disposição para ajudar indivíduos suicidas, deixa à margem quem realmente precisa. A crítica não é diretamente a atitude da OMS, mas sim a forma de aplicação, que não é direcionada a quem de fato interessa. Ele termina dizendo que não se deve recuar diante do suicídio ou diante da tentativa de suicídio, a psicanálise é uma saída já que ela pode redirecionar o sofrimento e a angústia de quem tentou ou pensa em se suicidar.

Por fim, a dissertação de Marilda Cândido dos Reis Bessa (2021), *Prevenção ao suicídio entre alunos do ensino médio: uma proposta educacional*, toma como base Durkheim e Foucault. Ela coloca alguns dados fornecidos pela OMS, como as 800 mil mortes por suicídio cometidas a cada ano no mundo.

A autora faz um levantamento muito importante: primeiro ela inicia falando sobre Durkheim e como ele tentou desmitificar a morte por escolha, e derrubar tabus que foram surgindo no decorrer dos séculos. Se ninguém tivesse iniciado essas discussões talvez estaríamos até hoje relacionando o suicídio apenas a devaneios da mente.

Bessa (2022) delinea a trajetória do suicídio no mundo e no Brasil. A relatos de crianças de 05 anos que cometem suicídio, entretanto, nessa idade ainda não existe a noção do que é a morte e que ela é irreversível, essa consciência vem apenas aos 8 anos, por este motivo, deve ser levado em consideração para estudos sobre suicídio apenas crianças acima dos 10 anos de idade. No Brasil durante o período de 2011 a 2017 foram registradas 80.352 mortes por suicídio na população acima de 10 anos. Destes, cerca de 27,30% eram jovens de 15 a 29 anos, e em sua grande maioria homens. Bessa (2022) adentra na adolescência, e trata de temas que podem resultar em transtornos mentais e no suicídio, como o excesso das redes sociais, relacionamentos familiares ou afetivos e o *bullying*.

A escola tem um papel fundamental na vida da criança e do adolescente, por isso Bessa (2022) se refere as competências e habilidades colocadas pela BNCC, nais quais é possível, encaixar discussões sobre o suicídio. Ainda dentro desse quadro, a autora faz um levantamento de algumas pesquisas que proponham ações que possibilitam intervenções nas escolas, para a abertura de discussões sobre o suicídio e não apenas temas que o permeiam o tema.

Em seu estudo, Bessa (2022) verificou que sob o ponto de vista dos educadores existem variáveis dentro das escolas que afetam o modo de vida do adolescente. A autora ainda concluiu que os professores muitas vezes não percebem o que acontece com seus alunos, nota-se a autodepreciação, sentimento de fracasso e isolamento, mas em sua grande maioria os educadores disseram que não saberiam agir, caso se deparasse com alunos com ideações suicidas.

Bessa (2022) encerra seu texto indicando que gostaria que mais instituições fizessem o trabalho de investigação sobre o suicídio, estudos que não envolvessem

apenas os educadores, mas os alunos também, para assim se encontrar caminhos para o fortalecimento da prevenção do suicídio.

A intenção desta revisão não é demonstrar a escola como superior às demais instituições no trato com questão do suicídio, muito menos retratá-la como a salvadora de vidas. Apenas pretendemos mostrar como a escola pode diminuir os casos de suicídio, ajudando a identificar crianças e jovens com tendências suicidas ou com algum problema de sofrimento psíquico. Ainda não temos disponível nas escolas, psicólogos que possam ajudar adequadamente estes estudantes, mas temos professores e pedagogos, que orientados da forma correta podem sim salvar vidas.

3 O QUE THOMAS MACHO TEM A DIZER SOBRE O SUICÍDIO

3.1 A MINHA VIDA, É MESMO MINHA?

Há muito a ser discutido sobre a quem pertencemos, ou a quem pertence a nossa vida. Essa parece ser uma pergunta superficial: minha vida a mim deveria pertencer, já que sou eu que a vivo, e uma vez ela sendo minha, tenho o direito de fazer dela o que bem entender, até mesmo me suicidar?

Por mais atrativo que o suicídio possa ser, ele não deve ser uma opção. A vida é única, e se apresenta de formas diferentes a cada indivíduo, todo mundo possui uma singularidade que deve ser respeitada. Então, por mais que morrer seja mais “fácil”, o amor por estar vivo deve ser mais potente.

Os livros sagrados afirmam que nossa vida pertence a uma força maior que chamamos de Deus criador e dono de todas as coisas, inclusive das nossas vidas. Ele é nosso detentor, pois foi ele que nos permitiu nascer, nos fez suas criaturas e a ele devemos todas as coisas, por ter nos dado a dádiva da vida. Por isso, matar-se, se torna um pecado com condenação a danação eterna, não temos o direito de tirar a nossas vidas, já que estamos em dívida eterna, justamente por possuí-la.

Thomas Macho em seu livro *Tirar a Vida*, nos esclarece esse fato religioso.

A minha vida não pertence mais aos meus pais ou ancestrais, mas a uma instância divina e metafísica. Essa instância revoga a genealogia. Significativas nesse contexto são as histórias do Gênesis. Elas documentam não só a criação do ser humano, mas também uma profunda ambivalência do Criador. Ele impõe o nascimento e a morte a suas criaturas como castigo pelo prazer de terem provado o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, e as expulsa do Paraíso. (Macho, 2021, p. 44).

Na tradição cristã, a vida é vista como um dom sagrado, algo que nos é concedido por Deus e que, portanto, não nos pertence completamente. Este entendimento confronta a visão de autonomia total sugerida por Macho, onde o indivíduo é visto como o árbitro supremo de sua existência. Para os cristãos, a vida é vivida em prol do chamado de Deus, e cada atitude, pensamento ou decisão deve ser orientado pelo desejo de cumprir a vontade divina.

O pertencimento da minha vida a Deus implica reconhecer que cada momento da minha existência é, nada mais nada menos, que uma oportunidade para manifestar a presença de um ser todo poderoso no mundo. Diferentemente da

autonomia descrita por Macho, onde o indivíduo pode decidir ou optar pelo término de sua própria vida, a fé cristã propõe uma rendição completa à vontade de Deus, aceitando que a vida em sua totalidade, é como um percurso que deve ser desenhado com humildade e gratidão pela vida.

Além de Deus, o Estado também reclama pelo direito de ser o detentor de nossas vidas, proibindo que as pessoas cometam suicídio, sendo ele assistido ou não, de qualquer forma ele permanece como um crime em diversas nações, inclusive na nossa.

Em alguns países o suicídio assistido é permitido, sendo eles Suíça, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, Canadá, entre alguns outros. Cada um faz uma política diferente envolvendo a eutanásia; Na Holanda, por exemplo, o sofrimento insuportável sem perspectiva de vida é um dos motivos que são considerados para a aprovação, o indivíduo deve fazer um pedido com bons argumentos, e passar por médicos que comprovem seu sofrimento. Alguns países consideram doenças sem cura ou sofrimento mental, outras levam um tempo de espera, para o paciente reavaliar e ver se é aquilo mesmo que ele deseja, entre outros, cada um adota uma forma diferente para lidar com essa questão, mas as regras a grosso modo são muito parecidas. Todos esses países priorizam o desejo da pessoa, que são reflexos de suas culturas e suas origens.

Macho relata que a vida pertence aos pais, a Deus, aos Estados, a todos, menos a quem está vivendo. E ao referenciar o médico urologista e obstetra Friedrich Osiander, em seu livro *Sobre o Suicídio* (1813), ele declarou que matar-se

Nada mais é do que um assassinato de si mesmo, uma crueldade contra si mesmo, uma violação das obrigações devidas ao Estado, aos pais, aos parentes, aos amigos e a todos, a quem a vida poderia e deveria ter sido útil, e um crime contra aquele que deu a vida pelo poder divino. (Macho, 2021, p. 46).

No final as pessoas apenas são um meio, um caminho para a sociedade capitalista, movida pelo dinheiro. Claro, um pensamento retrógrado e pejorativo, que descreve a vida do ser humano como um objeto/meio de fabricação de dinheiro.

Osiander equipara o suicídio ao assassinato, o descreve de maneira igual à autoaniquilação, tão cruel quanto a autoflagelação, quanto tirar a vida de outra pessoa. Para ele essa é uma atitude de pura crueldade, pois, por mais difícil que a vida seja, ela ainda vale a pena ser vivida.

Então uma violação dos deveres, para Osiander a vida nada mais seria do que o cumprimento de regras, pagamento de dívidas, geração de mão de obra? Aparentemente coisas supérfluas para a manutenção da vida. Há coisas mais profundas que simplesmente o pagamento de contas, e a saúde seria uma delas, o bem-estar, os direitos de ir e vir, o direito de tirar a própria vida (dentro de algumas circunstâncias), e muitas outras coisas que vão além do que coloca o Osiander.

Tirar a vida, seria para ele atitude criminosa contra aquele que deu a vida pelo poder de Deus, esse ato seria uma ofensa ao Criador, já que ele nos concedeu o dom da vida, e ele considera isso o rompimento do ser humano com o amor dividido. E voltamos à questão da vida pertencer a Deus, apenas mascarado com o dever do indivíduo para com o Estado.

Macho continua com várias questões para tentar descobrir a quem pertencemos.

Então a quem pertencemos? aos pais e antepassados que tornaram possível a nossa existência? A um Deus que nos criou? Ao Estado, que autentica nossa identidade [...] ou a nós mesmos, numa estranha dissociação entre possuidor e posse? (Macho, 2021, p.48).

Se a nossa morte pertence somente a nós, por qual razão nossa vida tem tantas jurisdições que não nos cabem? Estado, Deus, pais, parentes? Nenhum ser humano pediu para estar aqui, ninguém solicitou ao Estado uma certidão de nascimento, muito menos enviou uma solicitação aos anjos antes de nascer. A nossa vida deve pertencer a nós e a ninguém mais, pois somos nós que decidimos o que fazer dela. Se nascer não é um crime, matar-se também não deveria ser.

De fato não pertencemos a ninguém, e nada nos impede de nos suicidarmos, todavia, existem motivos que nos mantêm vivos, como as relações interpessoais, um propósito, algumas pessoas acreditam que vieram ao mundo para ensinar algo, para mostrar, salvar vidas, e até crenças que atribuem a sua existência para torná-la mais especial. O foco em ter uma vida-longa e de bem-estar, espiritualidade, autocuidado e realização de sonhos também são fatores que motivam as pessoas a estarem vivas e o principal motivo é se sentirem amadas.

Nascer não é uma escolha, é algo que de certa forma, é imposto a nós, e morrer também é algo que vai acontecer de qualquer forma, por isso é importante que o caminho entre o nascer e o morrer, seja apreciado, pois as duas coisas são maiores que qualquer um, maiores do que qualquer outra escolha que possa ser

feita, focar em estar bem para viver bem e, por fim, morrer bem, pode ser uma opção de vida.

3.2 PATOLOGIZAÇÃO DO SUICÍDIO

O desenvolvimento da medicina e a patologização do suicídio estão ligadas ao desenvolvimento da ciência moderna e à forma como a sociedade passou a interpretar, entender e tratar o comportamento das pessoas suicidas. Ao passar dos séculos, o suicídio foi visto de muitas maneiras: como um crime, um pecado ou um ato de heroísmo. Com o avanço das ciências médicas, principalmente a partir do século XIX, o suicídio passou a se encaixar no campo da medicina e da psicologia, e começou a ser caracterizado como uma doença.

Antes do avanço da medicina moderna, o suicídio era naturalmente entendido dentro de um contexto moral ou religioso. Nas tradições religiosas e em outras culturas cristãs, o suicídio era considerado um pecado contra Deus, que dava a vida a todos os seres da Terra. A visão dominante era de que a nossa vida pertencesse somente a Deus, e tirá-la era uma violação da ordem divina.

Legitimamente, em muitos países, o suicídio também era/é considerado um crime, com punições severas. Em alguns casos, os corpos das pessoas que cometiam suicídio eram punidos, sendo enterrados em locais afastados ou sem cerimônias religiosas.

No passar do século XIX, com o surgimento da psiquiatria e das ciências médicas, o suicídio deixou de ser interpretado como uma transgressão moral e começou a ser visto mais como um problema de saúde. Cientistas começaram a estudar o suicídio como um comportamento ligado a condições psicológicas, como a depressão, a melancolia, a ansiedade e muitos outros distúrbios mentais.

Como um dos fundadores da medicina psiquiátrica, Esquirol, citado por Macho (2021) foi um dos primeiros a defender que o suicídio era resultado de distúrbios mentais, emocionais e talvez sociais, particularmente da depressão (que antigamente ele definia como melancolia). Esquirol argumentava que a maioria das pessoas que cometiam suicídio não estavam em pleno gozo de sua saúde mental e, por isso, não deveriam ser culpadas por suas decisões.

Embora Durkheim não fosse um médico, ele era um ótimo sociólogo, em sua obra *O Suicídio* (1897) trouxe abordagens inovadoras ao conectar o suicídio a

fatores sociais, como o isolamento e a falta de integração de veteranos de guerra. Durkheim (1897) defendeu que as causas do suicídio eram muito complexas e enraizadas nas estruturas sociais.

Ao decorrer do século XX, a psicologia e a psiquiatria se afirmaram como campos dedicados ao estudo das doenças mentais. O suicídio passou a ser interpretado como um sintoma derivado da depressão, transtornos de ansiedade, esquizofrenia, e outras condições mentais, e a ideia de que o suicídio era uma questão de saúde mental, se consolidou.

Com o desenvolvimento de medicamentos antidepressivos no século XX, a abordagem médica para prevenir o suicídio tornou-se mais focada no tratamento das condições mentais implícitas. Além disso, as terapias cognitivo-comportamentais têm sido muito usadas para ajudar pessoas em risco de matar-se.

Ao mesmo tempo em que o suicídio foi caracterizado como patologia, alguns críticos defendem que a associação do suicídio exclusivamente com doença mental pode estigmatizar ainda mais o comportamento suicida e seus portadores, sugerindo que as únicas causas são problemas individuais, ignorando os fatores sociais.

Hoje em dia, existem muitas abordagens para evitar o suicídio, combinando esforços médicos com esforços sociais, abordando desde o tratamento de doenças mentais até campanhas de conscientização sobre o impacto dos fatores sociais.

O enquadramento do suicídio na medicina trouxe avanços importantes, permitindo que ele fosse tratado como uma questão de saúde, reduzindo a culpa das pessoas e promovendo a criação de políticas voltadas para a saúde mental e a prevenção dos suicídios.

Focar exclusivamente no aspecto patológico pode levar ao esquecimento de outros fatores igualmente relevantes, como as condições sociais, culturais e econômicas que influenciam o comportamento suicida. A complexidade do suicídio transcende a saúde mental, englobando também questões filosóficas, culturais e sociais que demandam atenção e debate aprofundado.

No século XIX, por exemplo, começou-se a acreditar na influência de livros, cinema, romances, rádios e música sobre o suicídio. Muitos jovens que cometiam o suicídio deixavam livros nas cenas dos crimes, livros que faziam apologias a morte (efeito *Werther*). A partir desse momento, passou-se a acreditar que jovens estavam sendo influenciados a tirarem a própria vida. Nos séculos anteriores às doenças, como a peste negra, a morte era vista, em alguns casos, como ato de heroísmo,

outros casos eram justificados como loucos de guerra, e a partir do século XIX e XX começaram especulações para além de doenças mentais, começou-se a levar em consideração as literaturas como apologia ao suicídio. E de certa forma isso influenciou diretamente na patologização do suicídio como um derivado dos transtornos mentais.

3.3 JUVENTUDE E SUICÍDIO

O contexto escolar está cheio de pressões sociais, a busca por um futuro, decisões de quais caminhos devem ser seguidos, aceitação em grupos sociais, ganho de responsabilidades e ascensão social. E é nessas conjecturas que os jovens acabam entrando em um grande colapso mental, surtos de ansiedade e crises depressivas.

Esses problemas mentais não são recentes, conforme explicado por Macho (2021), em 1900 já tínhamos a presença de jovens suicidas, muitas das vezes mascarados pelo nacionalismo. Durante a primeira Guerra Mundial, soldados sem patente e sem experiência eram enviados para as batalhas de infantaria.

Não é por acaso que o termo “infantaria” derive da palavra latina *infans* — criança, rapaz — como designação para os soldados frequentemente posicionados como “bucha de canhão” na falange moderna, como vítimas da artilharia própria e da estrangeira.” (Macho, 2021, p. 140).

Na Alemanha do século XIX nascia um grupo popular de jovens nacionalistas que prezavam pela vida “simples”, usavam vestimentas básicas e viviam sem riquezas, como seus ancestrais, muitos eram estudantes de universidades alemãs. Esses jovens motivados pelo ideal romântico da unificação, formavam grupos estudantis que defendiam a unidade nacional.

Eles eram incentivados a darem a sua vida pela pátria, e assim foram enviados à Primeira Guerra Mundial, como soldados de infantaria. Um reflexo da criação de mentes nacionalistas suicidas, jovens que estavam dispostos a morrer pela sua pátria.

Queremos chamar atenção os nossos queridos jovens do movimento *Wandervögel* para as belezas de nossa pátria alemã, para que sejam tomados de amor por ela; queremos cultivar sistematicamente o respeito pela masculinidade alemã e o desprezo por toda frouxidão nacional ou internacional [...]. (Macho, 2021, p. 138).

A respeito da educação familiar e escolar, Macho relata histórias literárias que contextualizam suicídios de crianças, em sua grande maioria motivados por medo dos pais, sofrimento por não atingirem os objetivos (objetivos dos pais), medo dos professores, repressão de sonhos e da imaginação. Uma dessas histórias trazidas pelo escritor, relatam a morte de um jovem casal, uma menina de 13 anos e um menino de 15, que teriam tirado suas vidas por conta de uma gravidez indesejada, outra retrata o sonho de um pai, que espelha todos seus objetivos no filho, que desejava ser músico, e para pôr fim ao sofrimento de sua família, a criança resolve suicidar-se.

Esses relatos servem de norte quando lidamos com crianças em fase escolar, criar um ambiente saudável para que eles se desenvolvam é de responsabilidade dos adultos, pois nem uma dessas crianças pediu para estarem presentes nesses contextos. Isso não significa que não se deva cobrar deles nota, educação ou qualquer outro tipo de coisa, mas mostra que essa cobrança deve ser feita de maneira adequada, sem assustá-los ou torná-los inseguros.

Vergonha, culpa e medo são em sua grande maioria os motivos que levam crianças a entrarem em um estado de desespero e desconforto com a própria vida. Se sentem humilhados quanto expostos na frente dos colegas de turma, culpa pelas brigas frequentes dos pais e medo de punições severas por não terem atingido as expectativas alheias.

Em 1907 Albert Eulenburg, citado por Macho (2021), publica seu artigo baseado em uma extensa pesquisa nos arquivos do Ministério da Educação prussiano, no qual ele analisa cerca de 1.152 casos de suicídio cometidos por estudantes nos anos de 1880 a 1903. Eulenburg argumenta que a responsabilidade desses suicídios não deve cair somente sobre a escola, mas em sua grande maioria a culpa deve cair sobre o meio familiar, pois é lá onde o jovem passa mais tempo.

Em 1903 foi fundada a Sociedade Psicanalítica de Viena, a qual realizou uma conferência em 1910, sobre o suicídio de estudantes. Nesta, foram feitas diversas palestras sobre o tema e uma delas foi realizada pelo professor de ensino médio David Erenst Oppenheim, citado por Macho (2021), que saiu em defesa das escolas, culpabilizando que a maior responsabilidade dos suicídios estudantis está dentro da diretriz dos pais e não da escola.

Macho discorda de Eulenburg e Oppenheim, ao citar Freud ele argumenta.

Fazer mais do que apenas não levar os jovens ao suicídio; deve fazê-los querer viver e dar-lhes apoio ao longo da vida, uma vez que são obrigados, pelas condições de seu desenvolvimento, a afrouxar a ligação com a casa dos pais e com sua família. (Macho, 2021, p.152).

No decorrer da adolescência, os jovens são expostos a diversas formas de pressão, seja de seus pais, professores ou redes sociais. Essa “pressão” pode se distorcer, chegando ao ouvinte descaracterizado e muitas vezes interpretado como uma prisão. O maior desejo de quando se é jovem, é ser independente, se libertar das amarras dos pais, trabalhar e conseguir alcançar seus desejos.

É isso que se espera, mas infelizmente muitos jovens não possuem planos de vida, não há um anseio pelo novo, curiosidade e desejo de formar uma vivência estável e saudável.

Muitos jovens enfrentam uma quantidade considerável de pressão social e expectativas sobre seu futuro. As demandas acadêmicas, a busca por uma carreira bem-sucedida, a competitividade no mercado e as expectativas familiares podem gerar um peso emocional intenso. Essas expectativas, frequentemente percebidas como inalcançáveis, podem gerar uma sensação de incapacidade de atender a essas demandas, levando ao desânimo, depressão e ansiedade.

Hoje se enfrenta uma crise de sentido ou propósito. Com a secularização crescente em muitas sociedades, as fontes tradicionais de significado, como a religião, têm perdido influência para muitos. A busca por um propósito ou sentido de vida torna-se mais difícil, especialmente quando os jovens se deparam com questões existenciais sobre a finalidade da vida, o sofrimento e a morte.

Albert Camus e Jean-Paul Sartre já abordaram essa falta de sentido como um dos grandes desafios da modernidade. Camus, em particular, falou sobre o “absurdo” da vida — a percepção de que não há um propósito intrínseco à existência e que o ser humano precisa encontrar ou criar significado para sua própria subsistência, o que pode ser especialmente angustiante para os jovens que ainda estão moldando suas personalidades.

3.4 SUICÍDIO POR REPETIÇÃO OU INFLUÊNCIA

Já falamos anteriormente em como a literatura influencia os casos de suicídio, Macho (2021) volta a esse tema ao relatar o seriado alemão *Tod eines Schülers*

(1981) o qual foi proibido de ser exibido durante 30 anos, voltando à tona somente em 2009.

O seriado é composto por 6 episódios, que contam a partir de vários pontos de vista um suicídio, sendo estes pontos de vista a do próprio falecido, dos colegas de escola, dos professores, da ex namorada e do delegado que está investigando o caso da morte do jovem Claus Wagner de 19 anos, que se suicida, jogando-se na frente de um trem.

Após o início da exibição do seriado, o autor relata através de um estudo feito que “mostra um aumento de 175% no número de suicídios de adolescentes em linhas de trem após a exibição da série” (Macho, 2021, p.159).

Na mesma linha de pensamento Macho, relembra o Massacre de Columbine, onde dois jovens (Eric Harris e Dylan Klebold) mataram 12 colegas, um professor e feriram mais de 24 pessoas, e logo em seguida tiraram suas próprias vidas.

A exibição do suicídio em séries e filmes pode ter um impacto profundo sobre os jovens, influenciando e alterando suas percepções e levando a comportamentos de imitação, em alguns casos. Essa preocupação surge do fenômeno conhecido como efeito contágio ou efeito *Werther*, conforme supracitado, que se refere à tendência de algumas pessoas em situações de vulnerabilidade mental, de imitar atos suicidas representados na mídia e literatura. Esse efeito foi observado pela primeira vez após a publicação do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (2021) de Goethe, no século XVIII, que foi associado a um aumento de suicídios entre jovens que se identificavam com o personagem principal da obra.

Uma das formas pela qual a mídia pode influenciar os jovens é através da romantização do suicídio. Quando o ato é retratado de maneira heroica, como uma forma de vingança e redenção, ele pode ser visto como uma solução para os problemas pessoais e interpessoais, especialmente por aqueles que já estão emocionalmente expostos. Um exemplo excepcional desse fenômeno foi a série *13 Reasons Why* (2017), que foi rigorosamente criticada por representar o suicídio da protagonista de uma maneira que poderia ser interpretada como glorificação, sem explorar profundamente as alternativas ou recursos de salvação e orientação. Na série, a personagem principal, interpretada pela atriz Katherine Langford, deixa treze fitas gravadas, cada uma relatando um dos motivos por ter tirado a sua vida, após a gravação e envio das fitas Hannah corta os pulsos dentro de uma banheira, uma forma fria e calculada de se suicidar.

Outro fator importante é a representação detalhada dos métodos de suicídio. Quando filmes ou séries mostram explicitamente como o suicídio é realizado, como o exemplo anterior, isso pode mostrar uma forma para os jovens vulneráveis que já estão considerando tirar a própria vida. A OMS e outras entidades de saúde recomendam que a mídia evite exibir métodos de suicídio, pois a explicitação pode aumentar o risco de réplicas.

Muitas produções falham ao não mostrar discussões sobre alternativas ao suicídio, como buscar ajuda profissional, terapia ou apoio de familiares e amigos. Quando a narrativa se concentra no suicídio como um desfecho inevitável, os jovens podem ser levados a crer que não há outra saída para suas dores emocionais a não ser a morte. A ausência de modelos de enfrentamento positivo contribui para uma visão limitada sobre as opções disponíveis em momentos de crise.

Os jovens também são fortemente influenciados por se identificarem com os personagens. Quando veem protagonistas que enfrentam desafios emocionais parecidos com os seus acabam recorrendo ao suicídio, essa identificação pode levar à normalização da atitude, especialmente se o personagem for retratado de maneira heroica.

A exposição prolongada ao tema do suicídio também pode dessensibilizar os jovens, tornando o ato mais familiar e menos chocante, quebrando o medo e o tabu sobre o ato. Essa banalização do suicídio pode ser extremamente prejudicial ao adolescente, pois tira a gravidade da situação e diminui o impacto emocional e social que deveria acompanhar discussões sobre a perda de uma vida. Em um mundo cada vez mais conectado e saturado por informações, essa exposição excessiva pode aumentar o risco de jovens já vulneráveis de considerarem o suicídio como uma solução viável, como uma maneira de colocarem fim a sua dor.

Além disso, crises sociais e pessoais, como depressão, ansiedade e pressões econômicas e sociais, tornam os jovens mais suscetíveis ao impacto dessas narrativas. Para aqueles que já se encontram enfrentando desafios de saúde mental, a exposição a esses conteúdos que abordam o suicídio pode intensificar seus sentimentos de desesperança e aumentar o risco de uma tentativa de tirarem a própria, o que pode resultar no suicídio de fato.

Diante disso, é essencial que a mídia opte por uma abordagem responsável ao retratar o suicídio. Isso deve incluir: evitar glorificações, não mostrar métodos de suicídio detalhadamente, e sempre oferecer recursos de ajuda para o público.

Algumas produções já começaram a inserir avisos de gatilho antes de episódios e a fornecer informações sobre linhas de prevenção ao suicídio e serviços de apoio emocional.

Em resumo, a maneira como o suicídio é documentado em séries e filmes pode influenciar os jovens de forma negativa, incentivando comportamentos de imitação e reforçando sentimentos de desesperança. No entanto, quando tratado com sensibilidade e responsabilidade, o tema pode abrir importantes diálogos sobre saúde mental e prevenção ao suicídio, promovendo uma compreensão mais profunda das opções de ajuda e de apoio disponíveis ao público.

3.5 MODERNIDADE E SUICÍDIO

No capítulo 7 de *Tirar a Vida*, Macho (2021) aborda as diversas transformações que ocorreram no entendimento do que seria o suicídio durante toda a era moderna, observando como o ato de tirar a própria vida passou a ser visto e interpretado sob novos olhares, filosóficos e sociais. Com a ascensão da modernidade, a visão de mundo sofreu diversas transições, muito significativas, e temas como individualismo, liberdade e secularização começaram a redefinir o papel do suicídio. Em vez de apenas uma questão moral ou religiosa, o suicídio passou a ser visto também como uma manifestação de autonomia humana e do conflito entre o indivíduo e as estruturas da sociedade, então tirar a vida se tornou, de alguma forma um meio de se obter liberdade.

Thomas Macho (2021) argumenta que o ato de tirar a própria vida, na modernidade, interpretado anteriormente como um pecado, é uma afronta à moral religiosa, adquire agora um sentido existencial. Essa mudança acontece sob a influência do pensamento iluminista, que fortalece e dissemina o poder e a liberdade da razão, do pensamento e da vida humana, trazendo questionamentos profundos sobre o papel e a representatividade das pessoas na sociedade e sobre a posse e direito do que fazer com a própria vida. David Hume, citado por Macho (2021), por exemplo, questiona a proibição do suicídio imposta pela religião, argumentando que a vida pertence a cada indivíduo e não a um Deus divino. Essa perspectiva, ainda que suspeita, marca um rompimento significativo com a tradição cristã e abre caminhos para que o suicídio seja percebido como uma expressão de liberdade.

Ele aborda ainda, que a ideia de que a modernidade trouxe consigo um aumento da alienação social, fator que para o autor, podem alimentar o desejo de tirar a própria vida. Esse sentimento, em específico, é descrito como uma angústia da vida na modernidade, na qual o indivíduo se vê cada vez mais solitário, isolado e perdido em meio a padrões sociais, econômicos e existenciais que parecem ser esmagadoras. Outros escritores como Goethe, Schopenhauer e Dostoiévski, descrevem o suicídio como uma resposta desesperada às pressões da vida moderna, o que contribui para um imaginário cultural no qual o ato de tirar a própria vida se torna uma espécie de protesto e repressão contra as condições de vida proposta pela modernidade.

Macho (2021) descreve, que no período da modernidade, o suicídio começa a ser interpretado como um problema social, não apenas individual. Com o aparecimento das ciências sociais e de novas abordagens psicológicas e médicas, o suicídio começa a ser analisado em relação ao contexto em que o indivíduo está inserido. Por exemplo, a partir dos estudos de Durkheim, o suicídio é visto como um fenômeno que pode ser influenciado por fatores sociais (e de fato é), evidenciando o papel que a sociedade e as relações desempenham na vida das pessoas. Assim, a atitude de suicidar-se passa a ser vista também como uma questão de saúde pública e de responsabilidade coletiva, trazendo novas análises para as políticas de prevenção e tratamento dos transtornos mentais.

Por fim, Macho (2021) defende que, a filosofia moderna, ao abrir espaço para a autonomia individual, acaba levando a uma nova forma de pensamento e reflexão sobre o sentido da vida e o valor da existência humana. A questão do suicídio torna-se uma área de debate filosófico sobre a liberdade, a posse de si e o confronto com o absurdo da existência, temas que serão explorados posteriormente por filósofos existencialistas como Camus e Sartre. O autor, oferece uma análise de diversos ângulos sobre como o suicídio na modernidade, passou a ser visto não só como uma questão moral ou religiosa, mas como um símbolo de um dos dilemas principais da condição humana do direito à própria vida e as condições e fatores que a tornam digna de ser vivida, ou não.

3.6 LIBERDADE

A vida deveria ter um limite? Viver 70 ou 80 anos e assim colocar um ponto final na sua história? A raça influencia o suicídio? Morrer por amor e suicídios de casais, são livres ou condicionados por um medo da invalidez na velhice? O suicídio assistido ou a eutanásia, são um direito a dignidade humana? Enfim, as perguntas são ilimitadas quando o assunto é suicídio, e cada qual possui sua opinião baseada em suas crenças, educação, local de nascimento, religião e até mesmo influenciado pela cultura de sua casa.

Viver em sociedade é entender que cada ser humano tem o direito de possuir uma opinião diferente, mesmo você não concordando com ela. Dar às pessoas a oportunidade de escolha é uma grande evolução, talvez em nosso país isso demore um pouco mais para acontecer, mas é de direito possuir a liberdade, claro, desde que não afete o outro. Mas aqui falamos exclusivamente da “minha vida” que deveria a mim pertencer.

Liberdade, aqui brevemente definida como: direito de ir e vir e fazer o que bem se entende sem afetar o próximo e sem desrespeitar as leis. Então, de alguma forma, as leis tiram uma parte da liberdade dos indivíduos que sob ela vivem? Proibindo a eutanásia, seja ela por pessoas com doenças terminais ou pessoas que já não possuem mais ninguém em vida e não sentem mais o gosto de viver, não cito aqui pessoas que cometem suicídio involuntário, pois esse lado da moeda deve ser analisado de outra forma.

Vimos na literatura muito se falar sobre tirar a própria vida e muitas formas de o fazer. Macho (2021) é preciso ao escrever sobre casos de pacientes em estados vegetativos que já não podem opinar pela sua própria vida. Nesses casos, quem se responsabiliza pelo paciente são os familiares, que podem decidir por um fim a vida de seu ente querido (ortotanásia), com autorização do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Macho (2021), ao citar a escritora francesa Emmanuèle Bernheim descreve como ela lidou com o pedido de seu pai pelo fim de sua vida de invalidez, que após sofrer um derrame que o deixou paralisado, já não se identificava mais com seu próprio corpo “Isso não sou mais eu” (p. 437).

Em seguida, o autor relata o caso de uma mulher de 72 anos que sofria de graves danos cerebrais e que se alimentava de forma sintética, o médico e seus familiares acreditavam que a “autodeterminação” seria o caminho para aquela senhora descansar em paz. Porém, parte da equipe médica, os enfermeiros, não

concordaram com a decisão, e a vida da paciente foi prolongada por mais nove meses.

Em muitos casos se perde a oportunidade de questionar o paciente se ele realmente deseja viver naquele estado vegetativo, sem poder se alimentar, com uma respiração artificial feita por máquinas, sofrendo com escaras e feridas, muitas vezes em um estado deplorável de invalidez. Estamos certos que todos os seres humanos têm direito à vida, mas precisamos discutir sobre em qual estado essa vida se encontra e se realmente a pessoa que está vivendo deseja que ela continue, é preciso discutir o direito da morte, se assim for o desejo do indivíduo.

Jaimir Conte, ao citar David Hume, em seu livro *Da imortalidade da alma e outros textos póstumos, de David Hume* (2006), fala que a vida é um bem que o indivíduo pode explorar, assim como qualquer outro bem. Segundo ele, proibir alguém de tirar a sua própria vida é uma violação da liberdade individual da pessoa e de sua razão, especialmente quando esse indivíduo enfrenta sofrimento insuportável ou sente que sua existência já não possui mais sentido.

No final de seu livro, Macho (2021) relata brevemente o desejo dos seres humanos em descobrir o que acontece após a morte, se a luz realmente se apaga, ou se uma luz ainda mais forte aparece. O medo da punição divina ainda é o que mantém as pessoas vivas, e no caminho contrário da patologização do suicídio, estamos indo de encontro com a despatologização do mesmo. Deixando uma brecha para se refletir sobre o desejo de tirar a própria vida, muito relacionado a transtornos mentais, mas que para o autor pode ser um simples momento de finitude da vida, um fim do sofrimento da vida e uma descoberta do que acontece após o último suspiro.

3.7 MACHO E A EDUCAÇÃO NO ÂMBITO DO SUICÍDIO

O livro *Tirar a Vida*, de Thomas Macho, pode ser diretamente relacionado à educação no âmbito do suicídio devido à maneira como o autor aborda o tema de forma histórica, filosófica e cultural, fornecendo uma base teórica que ajuda a compreender o suicídio como um fenômeno complexo e multifacetado. A obra de Macho é essencial para desmistificar o suicídio e quebrar os tabus que ainda cercam o tema, algo que se faz necessário no ambiente escolar.

A educação desempenha um papel fundamental na identificação e prevenção do suicídio, especialmente entre jovens e adolescentes, que estão em uma fase marcada por conflitos, descobertas e vulnerabilidades. Macho oferece uma perspectiva crítica sobre como o suicídio é historicamente tratado e como ele está intrinsecamente ligado a questões como autonomia individual, pertencimento e sofrimento social, abrindo espaço para reflexões que podem ser trabalhadas na escola.

O ambiente educacional, como um espaço de formação não apenas acadêmica, mas também emocional e social, precisa estar preparada para lidar com questões de saúde mental. O conhecimento ampliado sobre a temática, como o que Thomas Macho apresenta, pode fornecer aos educadores ferramentas conceituais e críticas para identificar sinais de alerta em estudantes, acolher suas angústias e criar um ambiente aberto ao diálogo, livre de preconceitos. Isso envolve não apenas entender o suicídio como um fenômeno psicológico, mas também como um problema social, cultural e até filosófico, abordagens usadas por Macho em sua obra.

Ao utilizar as reflexões propostas por *Tirar a Vida*, a educação pode se tornar um espaço mais sensível e preparado para debater o sofrimento humano e a finitude da vida, de modo responsável e acolhedor. A obra de Macho também estimula um olhar crítico para a pressão social, cultural e econômica que muitas vezes impacta negativamente a juventude e que pode ser abordada no contexto escolar, visando desconstruir ideias nocivas e oferecer suporte para os estudantes.

Portanto, ao unir o livro *Tirar a Vida* com o campo educacional, torna-se possível criar um diálogo enriquecedor que contribua para a compreensão do suicídio e para a construção de estratégias de prevenção. A escola, apoiada em reflexões filosóficas e históricas como as de Macho, pode ser um espaço transformador, que não apenas ensina, mas também acolhe, escuta e protege.

4 CONCLUSÃO

Diante dos argumentos apresentados, conclui-se que não existe uma regra, um padrão, uma lógica ou uma receita a ser seguida quando falamos de mortes por opção do indivíduo. Sabemos que são muitos suicídios cometidos anualmente, alguns por influência ou repetição, outros por desgostos da vida, alguns por problemas mentais, outros por invalidez, enfim, são muitas opções que podem estar em torno de uma morte suicida.

Um ponto crucial desta pesquisa é o apontamento sobre a importância da escola quando falamos de suicídios de crianças e adolescentes e a preparação dos professores para perceberem estes comportamentos/tendências suicidas em seus alunos, a intenção não é responsabilizar o educador e muito menos colocar sobre sua legislação algo que supere a sua alçada. Apenas pretende-se demonstrar a relevância do ambiente escolar sobre este assunto.

Projetos que priorizem saúde mental dos adolescentes devem ser ativados e desenvolvidos, e acima de tudo devem ser motivados pelos governos, sejam eles estaduais ou de prefeituras. Hoje a sociedade está carregada de superprodução, como por exemplo: ficar milionário antes dos 30 anos, ter uma família padrão, uma casa boa e um trabalho que lhe pague um valor para sobreviver, ou até mesmo dois trabalhos, caso não tenha ficado rico com os investimentos muito difundidos na internet. A meritocracia está destruindo a saúde de todos, e é necessário que alguém faça com que os jovens entendam que nem todo sucesso está empregado em dinheiro, casas, carros de luxo ou comidas caras. As pequenas coisas da vida são, no final das contas, as mais valiosas, como ser amado, conforme abordado anteriormente, ter filhos, se reunir com a família ou simplesmente tomar um café em uma padaria.

A educação é a chave que abre portas, é na escola que esses adolescentes devem se sentir seguros e respeitados e é nela que se deve abrir um espaço para reflexões nas quais eles se sintam protegidos para exporem suas inseguranças, seus medos e traumas. Por isso, é tão primordial que os meios educacionais estejam equipados com psicólogos e orientadores pedagógicos, que possam ajudar essas crianças em situações de risco à vida.

A filosofia é uma grande oportunidade para iniciar essas conversas, sobre o que esses jovens esperam da vida, e principalmente sobre a liberdade de escolha, mesmo que ela seja a de colocar um fim em sua própria existência.

Cada ser humano é dono de suas escolhas, e todos possuem o livre-arbítrio. Mas se assim fosse, cometer suicídio não deveria ser crime, pois essa opção deve ser única e exclusivamente de quem vive esta vida.

Há uma ambiguidade em estar vivo e a quem pertencemos, pois a vida pertence a muitos meios externos, onde a autonomia é comprometida por um Estado arcaico, pais superprotetores e uma religião que força os indivíduos a obrigatoriedade da vida, como pagamento de uma dívida eterna com Deus.

Macho (2021) aborda uma visão tradicional cristã, segundo a qual a vida é propriedade de um Deus, e o suicídio é um pecado que desafia a soberania do mesmo. Na visão de Osiander, referenciado por Macho (2021), o suicídio é um ato de crueldade consigo mesmo e uma violação das obrigações sociais e divinas, sendo equiparado ao assassinato e à ruptura com o amor divino.

É nesse ponto que há uma perda da consciência de vida, seja por uma terceirização dela ou pela responsabilidade de ser obrigado a viver. Um exemplo dessa terceirização é o controle do Estado sobre o nascer e o morrer. O Estado autentica nossa existência por meio das certidões, regula como vivemos por meio de leis e, em muitas culturas, até define os termos de nossa finitude, proibindo ou permitindo o suicídio. Esse controle não é apenas uma questão de organização social, mas também reflete uma relação de poder em que o indivíduo é subordinado aos valores coletivos.

A religião também exerce um papel significativo nessa terceirização da vida, especialmente quando determina o valor humano e o seu propósito de existência. Muitas tradições religiosas defendem que a vida pertence a uma entidade divina, Deus, Buda, Allah, e nunca ao indivíduo. Nessa perspectiva, escolhas como tirar a vida são vistas como violações contra Deus, reforçando a ideia de que não somos os portadores de nossas próprias vidas.

Por outro ângulo, na sociedade contemporânea, o capitalismo exacerba essa terceirização ao transformar a vida em um recurso para a produção. Desde a primeira infância, os indivíduos são moldados para atender às demandas dos mercados de trabalho e sistemas econômicos, muitas vezes priorizando interesses externos e deixando de lado o bem-estar.

A autonomia implica que a vida, por ser vivida pelo indivíduo, deveria estar sob sua exclusiva decisão. Porém, normas sociais, leis, religiões todo aparato educacional público ou privado, não esqueçamos, frequentemente limitam essa autonomia, muitas vezes sob a justificativa de preservar a dignidade humana ou de respeitar a santidade da vida. Casos dramáticos relatados por Macho (2021), como de pacientes em estados vegetativos, apresentam a complexidade da decisão pelo fim da vida em situações de sofrimento. Esses fatos reforçam a necessidade de um debate ético e aberto sobre o direito à morte, respeitando tanto a autodeterminação quanto às limitações impostas pelos valores sociais.

Apontar para a necessidade de respeitar as escolhas individuais enquanto se desafiam tabus enraizados na moralidade e na religiosidade, sempre é uma tarefa difícil. A vida e a morte são muito mais do que conceitos universais, são experiências únicas e individuais, que pedem empatia, respeito, abertura ao diálogo e um compromisso em equilibrar liberdade e responsabilidade.

O suicídio não deve ser uma opção, mas não estamos aqui para julgar quem faz essa escolha, por isso é tão importante destacar a escola como promotora de saúde mental, também não devemos colocar o suicídio em um pedestal, muito pelo contrário, queremos trabalhar para que ele diminua a cada dia, conscientizando os jovens e mostrando caminhos que podem ajudá-los. A escola e os professores são a melhor ferramenta dessa conscientização, é onde se pode fazer abordagens adequadas sobre o tema, e de maneira segura, sem causar efeitos colaterais.

Macho discute como o suicídio é, ao mesmo tempo, uma manifestação de autonomia e uma resposta ao sofrimento humano, contextualizando-o em diferentes períodos históricos e culturais, o que auxilia a compreensão. No ambiente escolar, essas questões se tornam relevantes, pois os jovens, durante sua formação acadêmica e emocional, frequentemente enfrentam dilemas existenciais e crises de identidade. A escola, enquanto espaço de desenvolvimento intelectual e social, pode se beneficiar das reflexões trazidas por Macho ao considerar como a sociedade lida com questões de vulnerabilidade, sofrimento e escolha individual.

A obra também evidencia os tabus históricos e sociais que cercam o suicídio, o que reforça a necessidade de quebrar o silêncio em torno do tema nas escolas. Discutir o suicídio de maneira aberta e responsável no ambiente escolar não só ajuda a desestigmatizar o assunto, mas também permite criar espaços de acolhimento e diálogo para jovens que enfrentam questões relacionadas à saúde

mental. Nesse contexto, a abordagem de Macho inspira educadores a compreenderem o suicídio não apenas como um ato isolado, mas como parte de uma narrativa cultural e social muito ampla.

A educação pode ser uma ferramenta poderosa para identificar sinais de sofrimento, oferecer suporte emocional e estimular o debate ético e filosófico sobre temas como autonomia e dignidade. Ao relacionar as ideias de Macho com o ambiente escolar, é possível destacar a responsabilidade dos professores e das instituições em construir um espaço seguro, onde os jovens sintam-se compreendidos e amparados, minimizando o impacto dos fatores que poderiam levar à ideia do suicídio.

5 REFERÊNCIAS

13 Reasons Why. Escrita por Jay Asher. Netflix, 2017.

ANDRÉ, Willian. **Literatura e suicídio**: alguns operadores de leitura. Acta Scientiarum. Vol. 40, 2018.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando**: introdução a filosofia. Quarta edição. São Paulo: Moderna, 2009.

BERTOLETE, José Manoel. **Suicídio**: território do livre-arbítrio ou da doença mental. Revista Simbio-Logias, Vol. 6, N.8, 2013.

BESSA, Marilda C. R. **Prevenção ao suicídio entre alunos do ensino médio**: uma proposta educacional. 178 f. Dissertação (mestrado) – curso de pós-graduação de ensino para a educação básica, Instituto Federal Goiano. Urutaí, 2021.

BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. **O Mito de Sísifo**: A decisão de viver ou suprimir a vida. Filosofando: revista de filosofia da UESB, Universidade do Sudoeste da Bahia. N. 2, p. 18-26, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde Mental. 2022.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. Versão para ebook. Editora Arara Azul, 2002.

CONTE, Jaimir. **Da imortalidade da alma e outros textos póstumos, de David Hume**. Primeira edição. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. Primeira edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUTRA, Elza. **Suicídio de universitários**: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Vol. 12, N. 3, p. 924-937, 2012.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. Primeira edição eletrônica. Cosac Naify, 2013.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Nona edição. São Paulo: Estação liberdade, 2021.

GUIMARAENS, Alphonsus. **Ismália**. Primeira edição. Brasília: Poe, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Segunda edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

JUNIOR, Oswaldo Giacoia. **Suicídio e filosofia**: A questão da morte de si. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 53, N. 4, p. 161-173, 2019.

MACHO, Thomas. **Tirar a vida**: suicídio na modernidade. Primeira edição. São Paulo: MF Martins Fontes, 2021.

MAIOR, Tamires Vila. **Percepções sobre saúde mental, suicídio e o comportamento autolesivo no contexto escolar sob a ótica dos estudos culturais**. Dissertação (mestrado) – curso de pós-graduação em estudos culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, 2021.

MAR adentro. Direção de Alejandro Amenábar. Prime Vídeo, 2005. Streaming.

MOYES, Jojo. **Como eu era antes de você**. Primeira edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SILVA, Luiz Henrique Bochi. **A formação de professores para a identificação de fatores de risco associados ao suicídio na adolescência**. Dissertação (mestrado) – curso de pós-graduação em educação, Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente, 2020.

TOD eines Schülers. Direção de Claus Peter Witt. ZDF, 1981.

TV Unesp. Diálogos | Tabu: o suicídio. YouTube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1KNB_c67K28

VOCÊ não conhece Jack. Direção de Barry Levinson. Max, 2010. Streaming.